



## “DE BEIJA-FLOR A URUBU”<sup>1</sup>: REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES NA MÚSICA GAÚCHA

Laura Rosa da Silva<sup>2</sup>  
Leandro Castro Oltramari<sup>3</sup>

Esta pesquisa visou compreender as representações das mulheres em dois movimentos da música gaúcha: a *tchê music* e a música campeira. O objetivo principal da presente pesquisa foi compreender as representações das mulheres no contexto musical, como são expostas e descritas nas letras das canções, a construção das relações de gênero em ambos os movimentos, bem como a produção da identidade feminina. Para Gomes (2007) são poucos os estudos sobre gênero no Brasil que abordam a música e o enfoque feminino. Os trabalhos de Confortin (2008) e Dias (2008) foram os encontrados durante pesquisa realizada em publicações, sites científicos e bibliotecas universitárias.

### *Metodologia da pesquisa*

Este estudo tem como base a pesquisa qualitativa (MINAYO, 2007) exploratória, podendo ser classificada como documental (GIL, 2002), visto que foram analisadas canções do movimento *tchê music* e da música campeira. A *tchê music* consolidou-se como movimento em 1999 com a interação dos grupos “Tchê Barbaridade, Tchê Guri e Tchê Garotos” para gravar um CD intitulado “Tchê Music”, gênero inspirado no pagode, axé, forró e sertanejo com o ritmo do vanerão. (DIAS, 2008)

Os representantes de cada movimento foram selecionados a partir do site de relacionamento da internet denominado “Orkut”. Cabe ressaltar que se optou por utilizá-lo na pesquisa pela possibilidade de acesso à classificação de músicas preferidas dos participantes, além do site promover enquetes de maneira mais democrática, sem necessariamente envolver questões comerciais, comuns, por exemplo, nas rádios.

Foram avaliadas quatro comunidades referentes ao movimento *tchê music* e música campeira: “Música Gaúcha”, com 7.890 membros; “Tchê Music conquista o BRASIL”, com 2.128;

---

<sup>1</sup> ROSA, Laura. De beija-flor a urubu: Representações das mulheres na música gaúcha. 1ªed. Fazendo Gênero 9: UFSC, 2010, 1-10.

<sup>2</sup> <sup>1</sup> Graduada em Psicologia pela UNIVALI. email: [lauracvbn@gmail.com](mailto:lauracvbn@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Ciências Humanas pela UFSC.



“Música Nativista”, com 1.989 e “Música Nativista Campeira”, que abrange 309 membros. Foram escolhidas duas bandas e dois intérpretes preferidos dessas comunidades, sendo representantes da *tchê music* e da música campeira, respectivamente. As discografias lidas incluem o período de 2004 a 2008, totalizando 389 músicas. Foi utilizada a técnica de análise de conteúdo (MINAYO, 2007), em que os critérios foram pautados em nome do representante, movimento musical, nome do álbum, ano de lançamento, título da música, trecho selecionado e, ainda, categoria.

### *Análise dos resultados*

Os representantes mais votados da enquete de maior número de participantes foram selecionados. A comunidade “Música Gaúcha” teve como mais votado o representante da música campeira: “João Luiz Correa” (JLC), com 20% dos votos. Na comunidade “Tchê Music conquista o BRASIL” encontrou-se como mais votada a banda de *tchê music*: “Tchê Garotos” (TG), com 21% dos votos, seguido da banda Tchê Barbaridade (TB), com 10% dos votos. A comunidade “Música Nativista” teve como representante mais votado o intérprete campeiro “Luiz Marengo” (LM), com 12 votos. Na comunidade “Música Nativista Campeira”, nenhuma enquete teve como foco a preferência musical. Assim, atingiu-se o total de 389 músicas, 199 do movimento *tchê music* e 190 da música campeira. As canções que continham trechos os quais se referiam a mulher atingiram 80 (20,5%), sendo 39 (27,4%) do cantor JLC; 25 (18,1%) da banda TG; 10 (16,3%) do grupo TB e 6 (12,5%) do intérprete LM; contabilizando 35 (8,9%) de músicas do movimento *tchê music* e 45 (11,5%) da música campeira. As categorias foram nomeadas de acordo com a posição em que as mulheres foram representadas e caracterizadas nos trechos das músicas. Foram criadas 7 categorias e 6 subcategorias, compostas por 100 trechos, expostas da mais frequente a menos incidente.

### *Coisificação das mulheres*

A categoria *Coisificação das mulheres* foi a mais frequente nas 80 músicas analisadas, sendo mais encontrada na banda (TG). A categoria abrange 27 trechos que de alguma maneira caracterizam as mulheres como algo atrelado ao uso, consumo e, portanto, as colocam fora da posição de sujeito, aproximando-as da ideia de coisa. Como exemplo, tem-se os trechos: “Aprendi a domar amanunciando<sup>4</sup> égua. E para *as mulher* vale as mesmas regras.” A *Coisificação* nessa

---

<sup>4</sup> Amanunciar, v.: Amansar um cavalo sem o montar. (NUNES, 2009)



categoria está ligada ao ato de *coisificar* a mulher, abrangendo trechos que a aproximam da ideia de coisa, processo esse detalhado por Abbagnano (2007), \_\_\_\_\_

como um objeto que de um modo qualquer se possa tratar; objetos naturais, instrumento; representação, etc. Portanto, as mulheres estavam ligadas a comparações diversas, como animais e elementos da natureza contemplados (flores, estrelas etc). Por isso, a categoria foi dividida em três subcategorias, denominadas: contemplação das *mulheres* – 15 trechos; *Mulheres comparadas a animais* – 7 trechos e *Mulheres atreladas ao consumo* – 5 trechos.

### *Contemplação das mulheres*

A subcategoria *Contemplação das mulheres* foi localizada em todos os representantes musicais, porém atingiu maior número de ocorrências na banda TG, com 6 trechos. No dicionário (FERREIRA, 2004) temos, no verbo contemplar, o significado de algo relacionado ao olhar com admiração, contudo, dentro do contexto de Coisificação, o sentido está atrelado a objeto (ABBAGNANO, 2007), como no trecho “coração na noite serena, te vê na *estrela* mais linda” (JLC). A ideia constituída nessa frase é a de que as mulheres são *coisas* a serem admiradas, contempladas, justamente porque a beleza é muito valorizada no aspecto feminino (KANT, 2000 *apud* BORGES, 2005): “Minha *flor pequena*, dessas que nascem pelos rincões, trazendo a graça das corticeiras, enfeitada a tarde por ser tão *bela*” (LM).

### *Mulheres comparadas a animais*

A subcategoria *mulheres comparadas a animais* se destacou no representante da música campeira (JLC), através de 5 trechos encontrados. Na representação das mulheres, chama atenção a referência do feminino elaborada através de um animal: “um *beija-flor* em *urubu* se transformou” (TG). De uma ave delicada, pequena, que busca as flores, a mulher se transforma em um urubu, grande e que se alimenta de outros animais, em decomposição. Como visto anteriormente, a delicadeza e a beleza são aspectos valorizados nas mulheres. A metáfora utilizada nessa categoria pode estar atrelada à vivência do homem do campo, que com frequência lida com animais, como em rodeios, o gaúcho exerce para com os animais o papel de domador, criador (CONFORTIN, 2008). “Pois *china* eu *laço* com os *tentos*” (JLC). O termo “*china*” faz menção a mulher, e ato de *laçar* é comum para animais como cavalo e gado. Apesar de estar ligado à realidade do campo, não se pode deixar de refletir sobre a posição de submissão em que as mulheres são colocadas através da comparação com animais. Para Bozon (2003) as mulheres continuam a ser vistas pelos homens



como mais um objeto a ser possuído. A atitude passiva e submissa nas mulheres também foi percebida por Neckel (2007), como frequente em mulheres que na construção de suas vidas fizeram constantes renúncias, em função do outro ou para agradá-lo.

### *Mulheres atreladas ao consumo*

A subcategoria *mulheres atreladas ao consumo* foi observada em maioria na banda (TG), com três trechos, trazendo, principalmente, a mulher como algo comestível. Por isso, a subcategoria utilizou a noção de *consumo*. No trecho “Tô com namoro meio atado com a filha da Manuela. Eta! gringa bem *servida* coisa boa de *costela*” (JLC), a mulher é representada num pedaço de carne, para *comer*. Parker (1991) observou que o “comer” na relação sexual pode indicar, com frequência, o sujeito passivo ou ativo. O que “come” é o ativo na relação, e o que é “comido” é o passivo, que espera, que se sujeita e que aceita o ato. Outra frase explícita com clareza: “(...) cachaça derruba o homem. Mulher também *derruba*. Só que elas a gente *cooo...*” (TB). Nesta, as mulheres são comparadas com uma bebida alcoólica. O indício do uso do verbo *comer* denota que tanto a cachaça quanto a mulher *derrubam* o homem, mas a vantagem estaria na mulher, que pode ser “comida”. Para Bozon (2003) tal realidade é atual, exemplificada no ato sexual, em que os homens continuam tendo o papel central e ainda se mostram mais ativos do que as mulheres.

### *Mulheres que trazem sofrimento*

A categoria *mulheres que trazem sofrimento* foi a segunda mais encontrada. No total foram 23 trechos, divididos nas subcategorias: *abandono*, com 11; *dominação*, com 9 e *sujeito*, com 1 trecho. O intérprete da música campeira (JLC) e a banda de *tchê music* (TG) se destacaram pelo maior número de trechos (9 em cada) que atribuem às mulheres a responsabilidade pelo sofrimento dos homens. Alguns trechos não se encaixaram em nenhuma subcategoria, pois só trazem a informação de que a mulher causou sofrimento, por exemplo: “Talvez seja pra esquecer aquela china, que por querer me causou tanto *sofrimento*” (TG); Tal atribuição, de causadora de sofrimento, foi encontrada em um estudo realizado por Ruben (1987) com letras de música do gênero MPB, que observou que as mulheres aparecem capazes de propiciar segurança afetiva aos homens, ao se mostrarem, muitas vezes, vítimas de perdas, sendo que somente a esposa poderia lhe ajudar na recuperação através de um amor praticamente incondicional. Esse poder dado a mulher possibilita que, quando ausente, a mesma cause tanto sofrimento, sendo responsabilizada pela dor alheia.



### *Mulheres que abandonaram*

A subcategoria *mulheres que abandonaram* foi mais frequente no representante da música campeira (JLC), com 7 trechos que mencionam o abandono do homem pela mulher. A ausência da mulher no ambiente doméstico e o cuidado com o lar, tão relacionado à figura feminina, fez que o homem perdesse a graça de cuidar da casa quando ela foi embora: “Perdi a graça de cuidar da minha morada quando a chinoca resolveu me *abandonar*. Daquela china que *feriu* meu coração, estou solito em volta do fogão.” (JLC). Para Cardoso (2007) as mulheres foram significadas com papéis de mãe e esposa, cujas características foram delineadas por razões a uma suposta fragilidade e que, portanto, precisariam de resguardo, possível dentro da *morada*. Possivelmente a inconformidade do homem em relação ao abandono da mulher seja a incompreensão de que a mesma não se satisfaz mais com o que o lar proporciona, optando buscar o prazer de viver fora da *morada*, deixando-o surpreso. O medo do abandono também pode estar atrelado à traição. “A *mulhé* me *largo*, me *corneô*, (...)” (JLC). A figura do corno, de acordo com Parker (1991), deixa os homens desesperados, afinal, a possibilidade de serem traídos lhes mostrariam que não podem controlar as mulheres.

### *Mulheres que dominam a relação*

A dominação das mulheres no relacionamento afetivo como fator de sofrimento para os homens se fez presente, na sua maioria, na banda de *tchê music* (TG) com 5 trechos. A dominação parece, em parte, estar atrelada a não aceitação da mulher perante as vontades do homem: “Me deu um pé na bunda, agora eu faço o que eu quero, vou sair na sexta-feira e só volto na segunda. Eu prefiro viver só do que mal acompanhado com alguém no meu pé me deixando *sufocado* (...)” (TG). Ao afirmar que agora, separado da mulher, ele faz o que deseja, pode indicar que, na tentativa de fazer isto no relacionamento conjugal, não teve a permissão feminina. Dessa forma ela se faz sujeito, porém, a sensação de *sufocado* pode revelar dominação. Na tentativa de saírem da submissão e passividade, supõe-se que nesses exemplos, as mesmas vislumbrem formas de negar tal aspecto, em que não aceitam mais tal lugar, a ponto de estreitar radicalmente as possibilidades do outro. No trecho abaixo, tem-se uma visão diferente da relação ao revelar uma dependência do homem e poder feminino, como acrescenta Ruben (1987), “Ela me *amarra* mas *eu não vivo* sem ela” (TG).



### *Mulheres que apresentam iniciativa*

A subcategoria *mulheres que apresentam iniciativa*, quando inserida na categoria *mulheres que trazem sofrimento*, indica que as mulheres que apresentam atividade na relação incomodam o outro. Nesse sentido, foi encontrado um trecho da banda (TG). O conceito de sujeito, para Abbagnano (2007), está ligado à capacidade de iniciativa e autonomia nas relações. No trecho a seguir, tem-se a fala da mulher na música: “Meu ex-marido tu tá ralado (...). Com *teu dinheiro* vou fazer alguns reparos. *Vou poder* trocar meu carro e fazer lipoaspiração.” E a fala do homem: “Esta mulher está num mundo perdido. Já casou com três maridos, só quer viver de *pensão*. Foi no juiz pedir aumento e as custas do meu sustento com outro vai se juntar. No fim do mês *pobre do ex-maridão* (...).” Nessa situação, a mesma consegue fazer o que deseja em função do outro - do dinheiro do marido - revelando a influência do aspecto dos homens como provedores. Cardoso (2007) explica, lembrando que o aspecto feminino se limitou, por muito tempo, aos “papéis de mãe, esposa e dona-de-casa” (p. 87), cabendo aos homens o papel de prover. A fala do homem mostra por que a subcategoria *mulheres que apresentam iniciativa* está na categoria em questão. A *mulher traz sofrimento* porque exige um direito seu e de seus filhos, porque tem *iniciativa* e não se mostra passiva diante tal situação.

### *Mulheres atreladas à sedução*

A categoria *Mulheres atreladas à sedução* englobou 15 trechos, sendo que nove pertencem ao intérprete campeiro (JLC). Tal categoria sugere que nos trechos encontrados as mulheres são simbolizadas como indivíduos que atraem e encantam. De acordo com Meyer (2003), a sedução é uma característica atribuída ao feminino. “Morenaça castelhana tem o corpo que *inflama*, pega *fogo* teu olhar” (TG). Nessa categoria, o desejo que a mulher provoca no outro é representado, muitas vezes, pelo fogo. O fogo representa, em sentido figurado, ardor, paixão, excitação sexual (FERREIRA, 2004).

A sensação que esse homem revela sentir parece ter relação com a constituição da masculinidade, pautada no investimento sexual sobre as mulheres (CARDOSO, 2007). “Só (...) pra matar o *desejo*, do meu *xucro* coração” (JLC). Xucro significa animal não domesticado, que não se contém. De acordo com Cardoso (2007) e Borges (2005), as mulheres só não se mantêm passivas e controladas quando estimulam o desejo do outro, em que muitas vezes se sentem cobradas para



atuarem. Bozon (2003), Borges (2005) afirmam que historicamente coube às mulheres tentar regular o desejo dos homens.

### *Desqualificação das mulheres*

A categoria *desqualificação das mulheres* apresentou 13 trechos, sendo mais frequente na banda (TG) e no intérprete (JLC). As músicas mostram que a desqualificação às mulheres, em sua maioria, abrange a questão da beleza: “Com as nova danço no meio, com as *véia* vou pelas beira” (JLC); “Que mulher *danada* que arrumei na vida, *caco de pessoa* mas beleza de mulher” (JLC). Nos trechos revelados a beleza e a juventude sobrepõem o relacionamento afetivo a ponto de *aturar* a *danada* da mulher. A feia e a velha são evitadas, pois não possuem o que parece ser primordial no feminino, a beleza. Para Álvarez (2008), a mídia tem sua grande participação na busca do ideal de beleza feminino.

Outra desqualificação aponta para o interesse das mulheres no dinheiro: “*É interesseira*, mas no nosso quarto é o grande guru do amor” (TG). Satisfazer o homem parece sobrepôr um possível atrito no relacionamento. Essa inconformidade que revelam sentir com relação à ligação entre as mulheres e o dinheiro pode estar atrelada à discrepância entre o que representa ser de mais *puro* e mais *sujo*, respectivamente. (Ruben, 1987). A pureza como aspecto relevante na construção social do feminino foi revelada por Parker (1991), Cardoso (2007).

### *Mulheres submissas*

O total de trechos que atribuem às mulheres o papel de submissão foram 8, sendo que sua maioria foi encontrada nas bandas (TG) e (TB). As músicas analisadas por Ruben (1987) revelam que foi frequente a presença de submissão e passividade na representação das mulheres. Meyer (2003) acrescenta, a partir da compreensão das relações de gênero, que tais aspectos, quando considerados da mulher - no singular - podem desviar do entendimento de que os aspectos atribuídos em cada gênero são construídos através de discursos sociais e culturais. Pode-se compreender a passividade a partir de uma relação com o outro: “(...) sempre que eu te chamar, acho bom tu *ajoelhá* (...) Ajoelha e chora, quanto mais eu passo *laço* muito mais ela me adora. Mas o efeito do *remédio* que eu dei foi melhor do que eu pensei, ela faz o *que eu quiser*. Me lava a roupa, lava os pratos e cuida dos filhos. (...) *tomo jeito* essa muié. (...) Eu tô achando que esta mulher malvada ficou mal acostumada ou está *gostando de apanhar*” (TG). Está evidente que o “remédio” dado a mulher está atrelado à violência, sugerindo que “tomo jeito essa muié”, afinal,



está cumprindo as atividades domésticas. A submissão pode estar relacionada com a relação de violência, pois o fato de realizar as atividades da casa e cuidar dos filhos por si só não caracteriza submissão, desde que seja uma escolha, lembrando que dentro do modelo de família patriarcal (PARKER, 1991) elas assumiam decisões importantes, lhes possibilitando poder sobre diversos aspectos (ALMEIDA, 2009).

### *Mulheres sujeito*

A categoria *sujeito* atribui às mulheres a capacidade de atividade ou iniciativa na relação com o outro. O intérprete que mais se encontrou trechos da categoria foi (JLC). Freire (1980) nos remete à possibilidade de ser sujeito a partir da construção da sua história. “Minha nêga tá querendo, tá querendo namorar” (TG). Pode-se observar uma atitude de iniciativa, de demonstração de desejo ou sentimento. Conforme Cardoso (2007), a iniciativa por parte das mulheres não é bem recebida por muitos homens e pelas mesmas também. É possível visualizar, através de um trabalho de análise de representações realizado por Bozon (2003), a existência de um consentimento em considerar que os homens têm mais direito a expressar o desejo do que as mulheres. As que buscam a atividade e liberdade na relação podem ser vistas como inadequadas: “Que china mais *atrevida*, que sai sem avisar nada” (JLC). Chama atenção o adjetivo *atrevida*, dado por sair sem “avisar nada”, visto que a figura do gaúcho trazida nas músicas é a de um tropeiro, que vive livre pelos campos (CONFORTIN, 2008).

### *Atribuição positiva às mulheres*

A categoria *atribuição positiva às mulheres* foi a menos encontrada, atingindo 4 trechos, sendo mais frequente no intérprete (JLC). Sua criação se deu pela necessidade de contemplar trechos que mencionam as mulheres com atributos que não se encaixam nas outras categorias e pela evidência de que traziam um aspecto positivo na sua representação. “Me sinto dono do mundo, quando adormeço em teu colo, *te comparo*, china morena! *ao Rio Grande, meu país!*” (JLC). Neste trecho, a mulher é idolatrada quando comparada à pátria de origem, à pátria mãe, que concomitantemente ao “adormecer em teu colo” traz a ideia de uma mulher acolhedora, cuidadora. Tal papel, historicamente construído, está atrelado ao universo feminino, através do ser mãe, esposa, como afirmou Parker (1991), Neckel (2007). O trecho seguinte está atrelado à beleza feminina: “E eu não sei qual semblante o mais lindo das três filhas da comadre Mosa” (LM). A beleza da mulher é enfatizada, mas não necessariamente sobrepõe outros valores femininos.





### *Conclusão e sugestões*

A partir das categorias encontradas é possível pontuar algumas diferenças fundamentais da representação das mulheres nos dois movimentos, a reafirmação da *submissão* e passividade na *tchê music*, contrapondo às possibilidades de ser *sujeito* na música campeira. Atrelado a isso está o *sofrimento que as mulheres trazem ao dominar* a relação ou por serem *sujeitos*, na *tchê music*, enquanto na música campeira, a característica da atividade ou iniciativa é possibilitada através da subcategoria *mulheres que abandonaram*, destacada na representação das mulheres. Quanto às semelhanças dos dois movimentos, destacam-se as categorias *desqualificação das mulheres* e *mulheres que trazem sofrimento*, pois esta última se diferencia somente nas suas subcategorias, mas está presente em ambos representantes. Uma análise pautada na propagação desses dois movimentos, desde a década de 90, provavelmente possibilitaria uma maior compreensão das representações das mulheres e possíveis transformações, bem como poderia trazer uma amostra mais abrangente de músicas. Considera-se também a restrição do recorte teórico utilizado, baseado em identidades, atrelado à coleta dos documentos no campo virtual, especificamente em um site de relacionamento.

### *Referências*

- ABBAGANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Martins Fontes: São Paulo, 2007.
- ALMEIDA, M.C.L. **As obrigações do amor**: um estudo sobre as relações de gênero e poder com mulheres de camadas médias urbanas nascidas no início do século XX. 2009. 223 f. Dissertação (Doutorado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- ÁLVAREZ, María. Un “trialogo” entre especialistas: Castells/Subirats/García de león (sobre genero,familia, amor). **Estudos Feministas**. Fpolis, v.16, n.3, Set-Dez 2008, p. 1107-1133.
- BORGES, Maria. Gênero e desejo: a inteligência estraga a mulher? **Estudos Feministas**, Fpolis, v.13, n.3, Set./Dez, 2005, p. 667-676.
- BOZON, Michel. Sexualidade e conjugalidade: a redefinição das relações de gênero na França Contemporânea. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.20, 2003, p. 131-156.
- CARDOSO, Elizangela. Amor e gênero em quadrinhas. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.27, n.54, Dez 2007, p. 83-108.
- CONFORTIN, Helena. A representação do masculino na tradição gaúcha. In: **Representações do masculino**: mídia, literatura e sociedade. Campinas: Alínea, 2008.



DIAS, Valtom; RONSINI, Veneza. Mídia e Cultura: o consumo de música regional na constituição da identidade. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, n.9, 2008, Guarapuava. **Intercom**. Santa Maria: Intercom, maio 2008, p. 1-12.

FERREIRA, Aurélio. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**, 3ªed. Curitiba: Positivo, 2004.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980. 102p.

GIL, Antônio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Rodrigo. **Música, gênero, comunidade: um estudo de caso no morro do Mont Serrat**. 2007. 21f. Projeto de TCC (Licenciatura em Música) – Centro de Artes, UDESC, Fpolis, 2007.

MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. O que se pode aprender com a “MTV de papel” sobre juventude e sexualidade contemporâneas? **Revista Brasileira de Educação**. Porto Alegre, n.23, maio-ago 2003, p. 136-148.

MINAYO, Maria. **O desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, Maria; DESLANDES, Suely; GOMES, Romeu (orgs). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 09-29.

MOCELLIM, Alan. Internet e Identidade: um estudo sobre o website Orkut. **EmTese**. Fpolis, n.2, v.3, jan-jul 2007, p. 100-121. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br> Acesso em: 17/06/09.

NECKEL, Jane. Do amor (ou de como *glamourizar* a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade. In: Seminário Corpo, gênero, sexualidade – discutindo práticas educativas, n.3, 2007, Porto Alegre. **Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas**. Rio Grande: FURG, maio 2007.

NUNES, Rui. **Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul**. 10ª ed. Pelotas: Martins Livreiro, 2009.

PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

ROSSI, Rossana. As gurias do Sul: representações das jovens gaúchas em artefatos culturais midiáticos impressos. **Olhar de professor**. Ponta Grossa, n. 1, v.9, 2006, p. 119-130.

RUBEN, Oliven. A mulher faz e desfaz o homem. In: **Ciência Hoje**, n.37, v.7, nov. 1987, p. 36-61.